



LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO COM IDOSOS DA COMUNIDADE, SERRA DE ITIÚBA-BA E A IMPORTÂNCIA DO SABER CULTURAL.

Ethnobotanical survey with elderly from the community, Serra de Itiúba-BA and the importance of cultural knowledge

José Raimundo Pereira da Silva

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
joseraimundo1216@gmail.com

Braz José do Nascimento Júnior

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
braz.jose@univasf.edu.br

Maria Jaciane de Almeida Campelo

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
jaciane.campelo@univasf.edu.br

René Geraldo Cordeiro Silva Júnior

Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
rene.cordeiro@univasf.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo um levantamento etnobotânico das espécies de plantas, medicinais na comunidade, bem como, poder contribuir com a divulgação da cultura identitária a partir da socialização com os alunos da educação básica na escola Inácia Pinto. A comunidade da Serra de Itiúba-BA é rica em plantas nativas e frutíferas. Logo é fácil notar as marcas das ações antrópicas, ao transitar por alguns espaços, é visível que cada vez tem se diminuído essa vegetação. A ausência e escassez de plantas nativas e frutíferas que vem ocorrendo na comunidade da Serra de Itiúba, nos causa inquietação, pois outrora a Serra sempre foi composta por uma vasta flora e fauna. Para realização da pesquisa nos apropriamos de uma abordagem qualitativa, tendo como sujeitos participantes da pesquisa, dez (10) famílias, senhores (Sr.^a), pessoas mais velhas da comunidade, enquanto os alunos da educação básica, Escola Inácia Pinto, participaram como meio de socialização. Para a coleta das informações, utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada. Realizou-se a palestra com destaque para o e com o meio ambiente, levantamento etnobotânico para que assim, possamos contribuir e reforçar a cultura local de forma a somar com a conscientização e melhoria, lutando na busca de parcerias e conhecimentos científicos que contribuam para nossa sociedade. Nos apropriamos de alguns teóricos para nortear nosso trabalho: Cavalcanti (2015), Rosa (2010), Lenzi, (2006), Santos, (2006)

Palavras-chave: Convivência com a seca, Globalização e seus reflexos, Desenvolvimentos sustentável, Educação na atualidade.

Abstract: The present work aims at an ethnobotanical survey of medicinal plant species in the community, as well as being able to contribute to the dissemination of the identity culture from the socialization with students of basic education at the Inácia Pinto school. The community of Serra de Itiúba-BA is rich in native and fruit-bearing plants. It is therefore easy to notice the marks of anthropic actions, when transiting through some spaces, it is visible that this vegetation has been decreasing each time. The absence and scarcity of native and fruitful plants that has been occurring in the community of Serra de Itiúba, causes us concern, because in the past the Serra was

always composed of a vast flora and fauna. To carry out the research, we took a qualitative approach, having as subjects participating in the research, ten (10) families, gentlemen (mrs), older people from the community, while students of basic education, Escola Inácia Pinto, participated as a means of socialization. For the collection of information, we used the semi-structured interview as an instrument. The lecture was held with emphasis on and with the environment, an ethnobotanical survey so that we can contribute and reinforce the local culture to add to awareness and improvement, fighting in the search for partnerships and scientific knowledge that contribute to our society. We appropriated some theorists to guide our work: Cavalcanti (2015), Rosa (2010), Lenzi, (2006), Santos, (2006)

Keyword: Living with the drought, Globalization and its consequences, Sustainable developments, Education today.

INTRODUÇÃO

A comunidade da Serra de Itiúba-BA, é rica em plantas nativas e frutíferas tais como: Mangueira, jaqueira e jaboticaba, entre tantas outras, logo é fácil notar as consequências e marcas das ações antrópicas. Ao transitar por alguns espaços adiante, é fácil notar que cada vez mais tem se diminuído essa vegetação.

O presente trabalho visa socializar no ambiente educacional a importância do ecossistema, demonstrando um olhar minucioso para a cultura da localidade. É preciso ações para reforçar a nossa cultura, pois com o tempo fica mais visível a escassez de plantas nativas e frutíferas da comunidade.

Com isso, na educação básica, nota-se que não se enfatiza tanto a preocupação com o meio ambiente, uma vez que somente no ensino superior foi possível perceber melhor a necessidade de contribuir para questões que são pertinentes para a conservação e cuidado com o nosso planeta. O mundo nos apresenta cada vez mais situações desafiadoras, é preciso estar sempre em processo de construção.

O motivo em pesquisar e socializar o conhecimento sobre a flora da comunidade no ambiente educacional vai além da necessidade de uma formação contínua, mas também para beneficiar a comunidade a qual estou inserido, pois percebe-se a carência da comunidade no que diz respeito a capacidade de conservar o meio ambiente e manter os devidos cuidados para que possamos desfrutar dos recursos que ainda não foram escassos.

A ausência e escassez de plantas nativas e frutíferas que vem ocorrendo na comunidade da Serra de Itiúba, Bahia, causa inquietude, pois outrora a Serra sempre foi composta por uma vasta flora e fauna, além disso, havia mais nascentes, e hoje ao transitar nas comunidades percebe-se grande diferença, algumas “fontes” parecem ter secado, é nítida a diminuição da vegetação, com suas ervas, subarbustos, arbustos e árvores, conseqüentemente, redução de chuvas que eram constantes.

O objetivo geral, buscou-se um levantamento etnobotânico das espécies de plantas, nativas e de uso medicinal da comunidade da Serra, Itiúba-Bahia, bem como, poder contribuir com a divulgação da cultura identitária a partir da socialização com os alunos da educação básica na escola Inácia Pinto. Foi realizado o levantamento etnobotânico, uma palestra em comemoração ao Dia da Árvore, em colaboração, plantou-se algumas mudas de árvores com os alunos da referida escola. Espera-se contribuir para a sensibilização e melhoria, lutando na busca de parcerias e conhecimentos científicos que contribuam para nossa sociedade.

CONVIVÊNCIA COM SECA

O homem enquanto ser racional usufrui, cuida do seu lar, dando mais valor ao local onde vive, mas o que se pode notar é que o homem está voltado apenas para seus interesses pessoais, e que em grande parte explora seu ambiente onde vive. Muitas das ações humanas são lamentáveis, como jogar lixo nos esgotos, poluir o ar, usar agrotóxicos, entupir bueiros, descuidar das árvores e das plantas nativas. Este mesmo homem, desfruta, desmata e usufrui da natureza sem ter a consciência do mal que provoca, segundo o Minc (2005, p.14):

O homem interfere nas cadeias alimentares ao extinguir espécies animais ou vegetais por meio da caça predatória e da degradação ambiental, ou eliminando, por processos químicos, insetos que se alimentam de parasitas e que são alimentos dos sapos, das lagartas e dos pássaros.

O meio ambiente é um conjunto de unidades ecológicas, funciona como um sistema natural, que faz parte de toda a vegetação, animais, micro-organismos, rochas etc. Nós, seres humanos, fazemos parte desse meio. Oliveira, (2002) esclarece que: “O meio ambiente só é meio ambiente na medida em que se refere ao homem e o homem não pode ser conceituado sem o seu meio ambiente”.

Entretanto essa relação homem-Meio Ambiente, tem se desvinculado, o homem como um inimigo, onde ele faz a ação e o ambiente reage com a sua devolutiva, tudo isso por motivo de um processo de civilização e um modelo de uma sociedade consumista. Sachs (1986), a solução para o problema ambiental requer a passagem de uma “civilização do ter” para uma “civilização do ser”.

Desde logo cedo nós aprendemos e nos acostumamos com a seca, que é característica climática dos ambientes semiáridos, cujas ações e intervenções humana para usufruir dos recursos naturais, como aproveitamento da água da chuva e reservas do Bioma Caatinga. Carvalho (2004, p.06) sentencia que; “Mais do que utilizar a natureza de forma sustentável, é preciso determinar critérios de seu uso. Nesse sentido, “aprender a conviver”, é também, rever

comportamentos e atitudes diante da natureza”. A autora nos abre os olhos, pois o bom uso do meio ambiente só nos favorece, não devemos fazer dele um poço onde só tiramos e nada acrescentamos, mas cuidar é preciso.

A Serra de Itiúba ainda abastece a feira, porém em pequena quantidade de frutas e o que torna esses alimentos mais procurados é a forma de cultivo livre de venenos, agrotóxicos, produtos estes que são prejudiciais à saúde e ao meio ambiente, causando um desequilíbrio nas cadeias alimentares.

O combate aos insetos por agrotóxico elimina uns e robustece outros, o que torna necessário novas dosagens de remédios mais fortes, causando prejuízo ao meio ambiente, desequilíbrio e fragilização do sistema. Minc (2005, p. 14) sentencia que: “Quem perde é a natureza, os agricultores endividados e contaminados, os consumidores de alimentos mais caros e com maiores dosagens de veneno”. Entretanto fica evidente que quem ganha por trás de tudo isso são os fabricantes e vendedores de agrotóxicos.

O território do semiárido baiano é visto com maus olhos, concepção, imagem de um lugar de natureza estratificada, castigado pela luz intensa do sol. Carvalho (2004, p.46) “A “Convivência” mostra um território Semiárido diverso, e não homogêneo, cuja seca, chão rachado, carcaça de boi, são postos como únicos elementos que o define”. Quem vive no sertão sabe que não é bem assim, temos sim momentos de estiagem, mas há períodos chuvosos onde a terra mostra toda sua riqueza. Não precisamos combater a seca, mas aprender a conviver com ela, através de ações efetivas do Estado.

Há na região uma variedade de plantas nativas com ampla riqueza, tanto para área alimentícia, como principalmente na contribuição para medicina. Segundo o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN):

Há cerca de 1.000 espécies vegetais no bioma, dentre as quais 318 são endêmicas, e onde se destacam plantas como cactos (mandacaru, xique-xique e facheiro), bromélias e leguminosas (catingueiras, juremas e angicos). Árvores que armazenam água, como a barriguda e o umbuzeiro, também fazem parte dessa rica flora.

Cabe destacar a riqueza de plantas e ervas medicinais. Segundo os estudos de Sganzerla et al. (2021, p.4) “Foi verificado que entre os anos de 2014 e 2017 foram realizadas a maioria das pesquisas etnobotânicas (64,7%) e que estes trabalhos foram desenvolvidos em sua maioria na região Nordeste (38,2%)”. Logo, os interesses pessoais em relação ao meio ambiente, e em especial aos vegetais, são datadas de milhares de anos (Leite et al., 2015). E se firmam até os dias de hoje.

GLOBALIZAÇÃO E SEUS REFLEXOS NA CONSERVAÇÃO VEGETAL

A Globalização está em todos os cantos, é um processo do capitalismo, que se deu a partir da Revolução Industrial, mas podemos dizer que a sociedade esteve sempre em processo de globalização. Sabemos que a globalização tem seus pontos negativos e positivos, desde tempos atrás ela vem facilitando a vida de muitos seres humanos, assim como também vem moldando e transformando algumas culturas, hábitos e costumes.

A globalização está a serviço do capitalismo, em vez de beneficiar as pessoas, onde a classe mais pobre só tem a se desestruturar economicamente causando a desigualdade social, fome, miséria, aumento do desemprego e mão de obra boa e barata. “O desemprego crescente se torna crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida (SANTOS, 2006)”.

As terras destinadas antes como áreas de caça foram sendo invadidas e transformadas em espaços para agricultura. É nessa transformação que causa impacto no ambiente, na maior parte da agricultura os pequenos ou grandes agricultores usam venenos para controlar ou matar as pragas. Estes venenos entram em contato com os alimentos, escorrem para a terra, poluindo água e rios, matando e contaminando todas as espécies da cadeia alimentar.

Santos (2006) esclarece que a globalização, todavia, poderíamos pensar na construção de outro mundo, mediante uma globalização mais humana, não com base no capitalismo, mas nos conhecimentos do planeta, que privilegia e melhora a qualidade de vida de todos e não uma globalização perversa entendida aqui como centrada no capitalismo beneficiando uns e tirando a qualidade de vida de outras pessoas, estas de classe média.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A Economia Ecológica é uma disciplina que surge da necessidade de se pensar o meio ambiente não como fonte da extração de riquezas, mas de um ecossistema que podemos de lá ter o nosso próprio sustento, através do desenvolvimento sustentável. Logo, ao mencionar o termo, percebe-se a necessidade de se pensar o conceito de desenvolvimento sustentável como uma prática/ação consciente de usufruir apenas o necessário e não meramente fazer de um espaço, poço de recursos, que de lá só retiramos e nada acrescentamos.

Segundo Cavalcanti (2015) “Aumentar a produção econômica implica sacrifício de recursos, tais como florestas, solo, água, ar, biodiversidade, estabilidade climática” p. 06. É na perspectiva de que possamos viver de forma harmoniosa com o meio, sem necessariamente

aferir e sofrer consequências a curto e longo prazo, que devemos repensar as formas de agir e consumir.

Parafrazeando Kant, é sabido que não existem sociedades sem sistema ecológico, mas há um sistema ecológico sem sociedade. Fácil compreender que, é o ser humano quem depende do meio ambiente para sua sobrevivência. Para compreender melhor sobre desenvolvimento sustentável, Lenzi, (2006, p. 69-70) afirma: “Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em satisfazer suas próprias necessidades”. É dessa concepção que o sistema econômico deve partir. Compreender que é preciso rever a forma de consumo e exploração do ecossistema. (ROSA, 2010.p, 06)

A grande preocupação atual, todavia, é a conciliação entre este crescimento econômico desenfreado e a proteção do meio ambiente, eis que os recursos naturais estão ficando cada vez mais escassos e não são mais tidos como inesgotáveis, como se pensava anteriormente.

É preciso se questionar sobre os recursos que o meio ambiente dispõe, sobre como a economia é gerada. Quanto mais produção, menos ambiente. O sistema econômico, segundo Kanti, é baseado na extração de recursos no qual o ecossistema dispõe. “Do ponto de vista da Economia Ecológica, o meio ambiente representa um limite absoluto à expansão da economia, que lhe é um subsistema” (RIBEIRO, 2012, p.78).

É preciso pensar em uma prática de desenvolvimento sustentável, que vise usufruir de maneira saudável, sem prejudicar o meio ambiente e gerações vindouras. A CMMAD (1991, p. 9) diz que é preciso: “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a habilidade das futuras gerações satisfazerem suas necessidades”. O ambiente é visto pela economia como fonte de extração para superar necessidades e geração de renda, desde que funcione como um suporte, e não como fonte de recursos apenas para exploração.

É preciso repensar o sistema capitalista, pois é quem dita o que deve ser explorado, consumido. Logo, se faz necessário repensar nas formas de consumo, a influência da mídia em massificação é um dos problemas encontrados atualmente, o excesso de consumo desnecessário. Nascimento (2012), reforça ao dizer que a solução está em um novo padrão de vida. É possível viver mais, consumindo menos.

Cabe destacar que é possível viver de forma autossustentável, podemos citar, por exemplo, os povos indígenas, quilombolas, entre outros, que vivem de forma sustentável com o meio, pois não visam sempre o mais e sim o necessário, o consumo é de acordo sua necessidade. Levando em conta o saber tradicional local sobre a diversidade de recursos naturais, devem ser respeitados em ações de valorização do patrimônio cultural local (LIMA et

al., 2013) e que a diversidade de etnovariedades mantida pelos membros dessas comunidades tradicionais deve ser avaliada pela ótica de uma atividade não só econômica, mas como prática sociocultural e ambiental.

“Destacando a finitude dos recursos naturais, quanto mais economia, quanto mais crescimento, naturalmente teremos mais impactos, mais degradação e menos meio ambiente” Caffé et al. (2021, p. 48). É daí que parte o interesse de um desenvolvimento sustentável, para que posteriormente não se agravar e termos um grande desastre ambiental.

Em poucas palavras, pode-se dizer que apesar do sistema econômico depender 100% do ecossistema, é possível um desenvolvimento sustentável, ou seja, a capacidade de consumir e garantir ao sistema a recuperação sem comprometer o seu estado, além disso, é preciso rever formas de consumo e compreender que dependemos do meio não apenas para explorá-lo, mas para toda sobrevivência da raça humana. Boff (2017) diz que:

A sustentabilidade significa a garantia de que todos os seres têm as condições de viver, reproduzir-se e permanecer na natureza. Também diz respeito ao cuidado, que é a atitude subjetiva de renúncia a toda agressão e violação da natureza, de zelo em curar as chagas passadas e impedir as futuras (p.06).

Partindo dessa perspectiva é que possamos rever um novo modelo de vida para fins de um futuro assegurado, com uma boa qualidade e segurança, fazendo um bom uso dos recursos que o ecossistema dispõe, em especial as ervas medicinais.

POLÍTICAS PÚBLICAS

As políticas públicas são ações institucionais e governamentais que vem para suprir os problemas enfrentados pela população, com o intuito de tornar cada vez mais as classes igualitárias. Quero aqui, dar atenção às políticas uniformes, pois o intuito desta política, visa uma ação para com um determinado público ou grupo, diferindo das políticas universais que visam o bem de uma nação ou o povo do país.

Um país como o Brasil, que não é homogêneo, é possível perceber a desigualdade tanto de identidade quanto socioeconômica. Logo, pode-se pensar em oportunidades para as classes de pessoas menos favorecidas e menos abastadas como os indígenas, caboclos, quilombolas, Gehlen afirma que:

As políticas têm se mostrado insuficientes para resolver os problemas dos “esquecidos” históricos (caboclos, indígenas, quilombolas) e de cerca de 12% da população do meio rural brasileiro que vive em condições abaixo da chamada “linha de pobreza” (2004, p. 02).

O espaço rural que, visto por muito tempo como um espaço de produção e extração de matérias primas, hoje, é visto como um espaço também de inserção da tecnologia e lugar onde sai grande parte dos alimentos. As políticas públicas nem sempre alcançam os seus objetivos. Há a necessidade de se ter um olhar mais atencioso, pois muitas das vezes, as políticas públicas têm por objetivo a reprodução e incentivo ao aumento de mercadoria e inserção no sistema capitalista. Realizando assim, o desejo do mercado e empresas multinacionais através de uma prática ideológica. Faleiros (1991, p.8):

Pode-se afirmar que: As políticas sociais ora são vistas como mecanismos de manutenção da força de trabalho, ora como conquista dos trabalhadores, ora como arranjos do bloco no poder ou bloco governante, ora como doação das elites dominantes, ora como instrumento de garantia do aumento da riqueza ou dos direitos do cidadão.

Uma política social surge dos interesses da sociedade, problemas sociais, através de organização e instituição. Segundo Bordenave (1994, p.12):

[...] a participação facilita o crescimento da consciência crítica da população, fortalecendo seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais e mais poder na sociedade. Além disso, por meio da participação, consegue-se resolver problemas que ao indivíduo parecem insolúveis se contar só com suas próprias forças.

Somente a partir dos anos 60 surgem alguns movimentos tais como: feminismo, movimento hippie e guerra do Vietnã, o que dá-nos entender que as pessoas passaram a conhecer e compreender a força das organizações. Logo, não compreendiam os movimentos como instrumentos de pressão sobre o governo.

Hoje, já se pode perceber as pressões das organizações e instituições como instrumento de reivindicação de direitos. As políticas sociais, não esperam por interesses políticos, mas sim dos interesses da sociedade, cobrar e persistir.

Aposta-se na transformação do rural com base na criação de políticas públicas participativas, por exemplo, Pronaf, formação de cooperativas, associações como inserção do povo rural nas políticas de forma que não reproduza a desigualdade, mas sim, os interesses deste povo. Segundo Gehlen (2004):

Por isso, políticas públicas com interesse social devem beneficiar de forma diversificada os que possuem necessidades diferenciadas, no sentido de propiciar as condições para superação das desigualdades, sendo que, aos poucos, essa “vantagem” em benefício de grupos sociais identificados deve perder vigência, para converter-se numa política pública igualitária (p.02).

É nessa perspectiva que deve ser o ponto de partida das políticas de inserção, visando sanar os desejos e necessidades das diversas classes, independente das suas origens e grupos étnicos.

CRISE ECOLÓGICA

Podemos dizer que o processo de baixa entropia é a forma que o ambiente cria, transforma e elimina, enquanto o ser humano com a alta entropia, transforma as matérias e energias em riquezas. O ambiente nada mais faz a não ser o processo de metabolização. O homem, uma vez movido pelo sistema capitalista, acaba sendo um ser inimigo do meio ambiente, apenas destrói. A crise ecológica nos faz pensar a forma de viver em harmonia com o meio. Cavalcanti (2015, p. 07), contribui:

Quem o sustenta em primeiro lugar é a natureza, o ecossistema, do qual dependemos para tudo. Dessa forma, para que possa sustentar-se, ele tem que levar em conta as regras e os limites que lhe são determinados. Sem descuidar do bem-estar humano, dos valores da cultura, da realização plena da cidadania.

Enquanto a produção estiver guiada pelos interesses dos grupos e empresas multinacionais, o ecossistema será sempre visto como um espaço de simples extração, de onde lá só retiram e nada acrescentam.

Podemos citar não só a extração e exploração do ecossistema, mas o crescimento desenfreado da população, que acaba ocasionando o desmatamento, ocupação de espaços de mananciais e fazendo do meio ambiente um depósito de lixos a céu aberto. É visível que devemos apostar na prática de desenvolvimento sustentável. Cavalcanti (2015) define:

Sustentáveis foram as sociedades indígenas no Brasil, que tinham 12.000 anos de existência quando os portugueses chegaram aqui”. Quem garante que a sociedade americana vai ser como é daqui a mais 250 anos? Ninguém garante, nem mesmo daqui a vinte anos! (p. 07).

O desenvolvimento sustentável é uma prática de usufruir apenas o necessário, extrair respeitando os limites, e não explorar de forma selvagem com ignorância e de forma inconsciente, visando o lucro sem pensar nas consequências futuras. É evidente que podemos viver de forma harmoniosa, formular uma parceria entre economia e ecossistema, a economia depende do ecossistema, mas o ecossistema não depende dela, Cavalcanti (2015). Logo, é a economia a principal causadora do descuido e em grande parte, destruição ambiental.

Apesar de muitas práticas serem reformuladas, ainda é necessário rever a relação entre economia e ecossistema, não atribuindo-lhe preços, valores que o sistema não compra. É preciso sensibilizar e mudar o padrão de consumo desnecessário.

Logo, podemos dizer que o principal fator causador da exploração do ecossistema de forma exagerada, é ocasionado pela economia, que tem sua base de sustento no ecossistema, visando sempre o mais e não o necessário, parte dos interesses de grupos e empresas

multinacionais, que buscam riquezas sem necessariamente os devidos cuidados com os recursos naturais. É real que, ecossistema e economia são fatores que convergem, o aumento de um, ocasiona a diminuição de outro, mas devemos apostar na prática de um desenvolvimento sustentável e harmonioso com o meio ambiente, respeitando os limites dos recursos naturais.

EDUCAÇÃO BÁSICA NA ATUALIDADE

A escola é o lugar onde docente e discentes interagem e constroem conhecimentos, por isso, ela deve ser um espaço de formação, em que a aprendizagem de conteúdos deve favorecer ao aluno no dia a dia, conhecimentos relativos às questões sociais, culturais, dentre outros. Nessa perspectiva, ela deve também oportunizar ao educando o desenvolvimento de capacidades, habilidades para facilitar a compreensão dos fenômenos sociais, culturais e econômicos. Além disso, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização destes.

Observa-se que cada momento histórico o professor tem uma tendência, constrói sua prática docente. “Conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade” (PIMENTA, 2005, p. 22)”. O docente deve ter o saber, mas principalmente ter a competência de saber mediar, pois as competências do professor são indispensáveis para que os alunos tenham uma aprendizagem significativa, sendo assim, as séries iniciais vêm buscando trabalhar e aprimorar os conhecimentos dos alunos.

A educação contextualizada incide a voltar-se para a realidade do aluno, levando em consideração tanto o contexto quanto os conhecimentos prévios dispostos por ele, além disso, tentando romper com o sistema capitalista no esforço para consolidar a educação formal equiparada e uma sociedade emancipatória. Segundo Miranda e Pires (2015, p. 149):

A educação escolar, na perspectiva contextualizada, privilegia a realidade do aluno, como ponto de partida para a construção e socialização do conhecimento, realidade essa, entendida como o seu modo de vida, seus costumes, hábitos, tradições, culturas, enfim, tudo aquilo que compreende o contexto sócio-histórico do(a) aluno(a) e da comunidade em que a escola está inserida.

É importante salientar que é através desses conhecimentos da cultura e da vivência do aluno, que a educação contextualizada trabalha, todavia é válido não restringir o ensino e a aprendizagem, apenas aos conhecimentos locais, uma vez que é essencial à construção de conhecimentos mais amplos, a nível global. Martins (2011, p. 58). Diz que;

É para produzir conhecimento sofisticado, baseado em trabalhos de pesquisa, em estudos, em tematizações e sistematizações, em problematizações fundamentadas e em ações concretas, amparadas pelos conhecimentos gerados num itinerário pedagógico, partindo sempre da teoria à prática e vice-versa. Assim sendo, todo trabalho de Educação Contextualizada supõe um itinerário pedagógico que: a) parte do conhecimento desta realidade; b) problematiza esta realidade, excedendo o conhecimento empírico inicial; e c) organiza um processo de transformação desta realidade, a partir do novo conhecimento produzido sobre ela.

Nesse viés, é primordial que se busque estudos que tragam importância e resultados para os sujeitos, fazendo da problematização da pesquisa um ponto de partida para seu progresso, buscando solução do problema que se encontra na sua realidade, uma educação concreta. Partindo do pressuposto de uma autoavaliação reflexiva sobre a (re) construção de conhecimentos que está sendo desenvolvido com os educandos, pois enquanto professor, ele é um formador de opiniões e isso requer muita atenção ao que está sendo abordado. Freire (1996, p. 30) afirma que: “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Nessa perspectiva, o professor deve respeitar e aproveitar os conhecimentos trazidos pelos alunos e a partir daí, iniciar o processo ensino-aprendizagem.

A heterogeneidade na sala de aula deve ser vista pelo professor, e sua prática precisa corresponder a essa diversidade, que também implica diretamente nas relações étnico-raciais, por sua vez urge a necessidade de que elas saiam da Lei e se tornem parte do cotidiano escolar e deixem de ser apenas um momento de folclorização, ou seja, uma comemoração instantânea. Cabe ao professor intervir, para que a exposição da Lei seja uma constante em sua práxis.

No decorrer de nossa história escolar nos deparamos com inúmeros educadores, alguns mediadores de conhecimento, que não só nos ensinam como também aprendem ensinando, havendo uma troca, pois todos nós carregamos em si uma bagagem de conhecimento e não chegamos na escola como uma página em branco. O indivíduo que está inserido na sociedade tem tão quão experiências vividas e que no espaço escolar essas experiências devem ser articuladas, organizadas e aproveitadas. Um bom professor é aquele que faz com que o aluno crie, construa e use a imaginação.

Definir o papel de um bom professor em poucas palavras, não é fácil, pois este é responsável pela formação dos discentes em diferentes níveis de ensino, é ele que direciona caminhos e experiências. Professores são a base para o futuro, portanto, sabemos que para uma boa construção o alicerce é fundamental.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia possibilita direcionar o caminho a ser seguido pelo pesquisador. Dentro de uma abordagem qualitativa, a pesquisa, além de ser do tipo descritiva, pois descreve a realidade da flora da comunidade, Serra de Itiúba, Bahia, é também bibliográfica, pois nos apropriamos de teóricos antes mesmo de irmos a campo. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, pois permite analisar por meio das respostas dadas pelos sujeitos. Foi um procedimento importante tanto para o conhecimento das ervas, e árvores frutíferas e nativas daquela região, quanto para a análise dos dados.

Utilizamos como instrumento para a coleta das informações, a entrevista semiestruturada, com a finalidade de dar autonomia aos sujeitos da pesquisa, para que se expressassem espontaneamente de forma a eliminar as barreiras da comunicação. Usamos um roteiro de dez a 13 questões referente às ervas medicinais e quanto a sua utilização por parte dos sujeitos.

Portanto, para tomar ciência sobre a situação da flora da comunidade, contamos com a colaboração dos conhecimentos empíricos das pessoas mais velhas da comunidade, pois estas pessoas além de terem muita sabedoria, conhecem melhor que qualquer outra pessoa o ambiente em que vivem. Por fim, os dados foram coletados, analisados, e discutidos aqui na construção desta pesquisa, trazendo elementos para possíveis reflexões.

Em um segundo encontro, foi aplicado um outro questionário referente às plantas de usos medicinais e sua utilização/finalidade (Ervas medicinais no quintal de casa). Para identificar a vegetação de usos medicinais, nos apropriamos de inícios, nomes populares, em seguida, consultamos os nomes científicos com algumas amostras.

Segundo Vergara (2009, p. 9), “Perguntas atreladas a um roteiro, cuja estrutura seja semiaberta podem revelar não só a opinião do entrevistado acerca de algo, como seu nível de informação”. Deixando assim, os participantes livres para que se expressem espontaneamente; na entrevista pode acontecer *insights* ao entrevistador durante a ocorrência, pois a entrevista semiaberta permite o aproveitamento dessa compreensão, para o enriquecimento da coleta; (VERGARA, 2009). Um bom pesquisador não mantém sua postura neutra, mas busca dialogar com o sujeito da pesquisa, ganhando assim a confiança do entrevistado.

Os participantes da pesquisa foram dez famílias, senhores, pessoas mais velhas da comunidade. Enquanto aos alunos da educação básica, Escola Inácia Pinto, participaram como meio de socialização dos resultados da pesquisa. Para os alunos da educação básica foi realizada uma palestra tendo como pauta, os devidos cuidados para e com o meio ambiente. Foi aplicado

também um questionário antes mesmo de iniciar a palestra, para que possamos identificar conhecimentos e percepções prévios. Ao finalizar a palestra, aplicamos o mesmo questionário com o intuito de identificar se houve mudança de percepção ou até mesmo impacto no aprendizado dos discentes. Todos os questionários aplicados aos participantes das palestras foram aqui também analisados.

O trabalho foi submetido ao CEP da UniRios, em seguida aprovado. Os dados coletados foram interpretados e transcritos segundo a análise de conteúdo Minayo (2007).

Garantias éticas: a aceitação em participar da pesquisa se deu por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2013).

Para tanto, realizou-se as seguintes pautas: a) apresentação e socialização do projeto para escola e a comunidade; b) roda de conversa a respeito dos conceitos, cuidados com o meio ambiente, cultura identitária e reflorestamento; c) pensar e construir as ações no coletivo. Distribuir mudas de plantas no propósito de contribuir com a flora e reforçar a cultura identitária.

LOCAL DE TRABALHO

A pesquisa foi desenvolvida na comunidade da Serra, Povoado do Adro de São Gonçalo, zona rural do município. Localizada ao Norte do semiárido baiano, no município de Itiúba-BA. Segundo relatos dos mais velhos, foi nessa comunidade que nasceu o município de Itiúba-BA, tempos depois, devido ao acesso, Itiúba mudou-se para a Fazenda Salgada onde se encontra situada até hoje.

Coordenada geográfica: LATITUDE: Latitude 10° 20' 03" Sul, Longitude 39° 50' 00" Oeste -10.766517906957747, -39.76168834337392.

A escola Inácia Pinto está situada na comunidade da Serra, o espaço físico da Escola é aproximadamente vinte e três metros de comprimento por dez de largura, contendo os seguintes espaços: cinco salas e três banheiros, uma cozinha, uma secretaria, um pátio (onde acontece o recreio das crianças), o depósito da merenda e o almoxarifado. Atualmente, a escola conta com um total de cento e dois estudantes matriculados nas seguintes modalidades: Ensino Infantil (4 a 5 anos); Ensino Fundamental I, (6 a 10 anos); e Ensino Fundamental II, (acima 10 a 15 anos).

As principais atividades econômicas realizadas em todas as localidades em que situam a sede e seus anexos possuem uma característica idêntica, sendo as seguintes: quebra do licuri;

casa de farinha; agricultura de subsistência (cultivo de milho, feijão, mandioca,); pecuária (criação de bovinos, caprinos, suínos, ovinos); temos também as cercas de pedras, um trabalho braçal feito pelo homem como meio de ganhar dinheiro e cercar suas propriedades, porém, nas localidades dos Anexos, alguns moradores desenvolvem as atividades agrícolas em propriedades de terceiros, através da prestação de serviços. Esta localidade tem o clima frio além de ser privilegiado pelas frutas nativas, nascentes, diversidade de vegetação e belas paisagens e ponto turístico com 800 metros de altura, acima do nível do mar.

Para evitar que nenhum aluno do campo fique fora da escola, o transporte escolar é disponibilizado para professores que se deslocam da cidade para o campo. Aos alunos do Ensino Médio também é disponibilizado um transporte para levar do campo para a cidade.

A entrevista não é meramente uma conversa, um simples bate-papo, é estruturada em um roteiro, dialogando com o máximo com os autores aqui apresentados. A partir dessa etapa, apresentaremos os resultados da pesquisa, através dos dados analisados. Os dados foram organizados, selecionados e transcritos para serem interpretados, para em seguida, dialogarmos com as observações, visto que, os dados por si só não existem se não houver um questionamento, Minayo (2007).

Critério de inclusão:

Pessoas mais idosas da comunidade do Adro de São Gonçalo, acima de 55 anos e que residam mais de 40 anos na referida comunidade.

Critério de exclusão:

Pessoas que residem pouco tempo na comunidade ou abaixo dos 40 anos que residem no adro de São Gonçalo. Menores de idades.

Riscos, desconfortos e benefícios:

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, pois nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade humana. O Projeto apresenta riscos mínimos, pois poderá haver algum tipo de constrangimento, no entanto, foram tomadas medidas, a seguir descritas, buscando impedir que ocorram.

Ao participar desta pesquisa o/a senhor/senhora não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga importantes contribuições na perspectiva de desenvolvimento local para a comunidade da Serra de Itiúba, divulgando as potencialidades e todos os processos sociais existentes na localidade.

Garantias éticas: A pesquisa obedecerá às Resolução 466/2012 e 510/2016 que regulamentam as pesquisas com seres humanos. Todas as despesas que venham a ocorrer com

a pesquisa serão ressarcidas. Caso haja valor de deslocamento e/ou alimentação os valores gastos serão devolvidos.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS- PALESTRA

Ao realizar a palestra, foi entregue aos alunos da escola Inácia Pinto, um questionário com algumas questões referentes ao meio ambiente. Solicitei que respondessem. Em seguida, dei continuidade a palestra com apresentação. Questionei oralmente: O que é um ambiente? Defina meio ambiente? Qual a importância? Obtivemos como respostas algo do tipo: *“É a natureza, as árvores.*

“É um lugar muito importante para nós seres humanos”.

“O meio ambiente é o nosso lugar e devemos cuidar dele”

O meio ambiente é o nosso lugar e devemos cuidar dele com muito carinho!

Aos demais alunos não conseguiram responder deixando a questão em branco. Após a palestra conseguimos as respostas de forma positiva, tivemos algumas mudanças. Conseguindo até mesmo argumentar oralmente, o que não foi possível notar no início da apresentação.

Meio ambiente é a natureza, os animais e tudo aquilo que não foi feito pelo homem.

É o lugar onde tem árvores, pássaros etc.

Após os questionamentos, explanamos para a sala que o meio ambiente vai além do meio qual estamos inseridos. O ambiente é tudo aquilo que está ao nosso redor, enquanto o meio ambiente vai além destes. Envolvendo ar, seres vivos e não vivos, (biótico e abióticos).

Em grande parte dos questionários respondidos sobre a importância das árvores tanto na zona rural quanto na cidade, obtivemos como resposta sendo apenas importantes para nós, seres humanos. Ao aplicar o questionário após a palestra, obtivemos:

Ajuda na liberação de oxigênio, fazendo sombras nas cidades

Melhora nosso mundo, nossa saúde, nosso ar!

Os demais permaneceram conservando a respostas do tipo:

É para dar sombra e frutos ...

É para a cidade ficar mais bonita.

Podemos perceber diferenças nas respostas, pequenas mudanças ocorreram nas respostas após a palestra. Quanto às questões referentes aos problemas ambientais foram destaques as respostas: O descarte de lixos, (lixos nas ruas) esgotos a céu abertos, desmatamento. [...] *Homens desmatam, as pessoas jogam lixo nas ruas.* Após a palestra houve

apenas algumas mudanças inserindo nas respostas alguns termos como: *Poluição do ar, contaminação da água, lagos e rios*. Logo, conclui-se que os discentes ampliaram suas respostas inserindo outras formas de agressão ao meio ambiente

Referente aos meios de informações pelo qual ficam sabendo sobre o meio ambiente, afirmaram que além dos livros da escola, ficam informadas também pela internet.

Por fim, a seguinte pergunta referente aos devidos cuidados que devemos ter com o meio ambiente obtivemos como respostas: *Evitar jogar lixo nas ruas, não poluir rios e mares*.

Após a aplicação do questionário foi possível perceber uma ampliação nas respostas, ao afirmarem não somente ao descarte, assim como também reutilizar materiais, bem como reciclar, com destaque de que cada um da sociedade é preciso cumprir o seu dever, fazer sua parte. Respostas após a palestra: *Devemos reciclar, preservar e cuidar da terra. A sociedade também deve fazer a sua parte. O lixo no lixo, lixo no seu lugar*.

A socialização, não só do conteúdo, assim como o questionamento antes e após a palestras são formas de despertar nos alunos a curiosidade, autonomia para que busquem respostas para seus questionamentos, não meramente esperando a resposta do professor. Conseguindo assim, selecionar, relacionar respostas pessoais com o que foi mencionado em sala.

ERVAS MEDICINAIS NO QUINTAL DE CASA

Apresentaremos nesta seção as espécies vegetais de usos medicinais, assim como também o público que faz uso dessas grandezas e vasta riquezas que o meio ambiente dispõe. As ervas com destaque para sua finalidade e preferência de uso por parte da comunidade.

O Brasil possui uma das mais ricas floras, possibilitando à população o uso de plantas medicinais, tanto para uso em seres humanos, quanto para animais. O estudo da etnobotânica possibilita e demonstra as possibilidades de usos de plantas farmacológicas. Segundo Albuquerque, (2002), todas as ciências que se ocupam de investigar a relação pessoas/plantas estão preocupadas em registrar e conhecer as estratégias e conhecimentos dos povos locais, procurando também usar essa informação em benefício dessas pessoas.

Ao realizar a entrevista, foi possível observar que em torno das casas das pessoas entrevistadas é fácil notar a presença de várias plantas de uso medicinal/farmacológico, no seu quintal. Logo, o público que faz uso das plantas, em grande parte, para fins: calmante, diabetes, inflamação e a gripe. As respostas que mais se destacaram, podendo definir como preferenciais foram: hortelã-rasteira (*Mentha x villosa* L.), boldo-sete-dores (*Plectranthus barbatus*

Andrews.), capim-cidreira (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), camomila (*Chamomilla recutita* (L.) Rauschert.), alfavacão (*Ocimum gratissimum* L.), losna (*Artemisia canphorata* Vill.)

A presença do público com frequência e usos de plantas medicinais e que detém o conhecimento popular são pessoas acima de 55 a 70 anos.

Para usos e finalidades que prevalecem são, chás, calmante e tranquilizante, combatendo a insônia, com 40% das respostas. Prevalece 30% para gripe; 20% para diabetes; 10% inflamação. O uso tem por objetivo curar, e amenizar situação que possa vir a se agravar. É retirada da planta uma pequena parte, que se encontra em um bom estado, para uso diário ou semanal quando necessário. É visível que a comunidade não usa para fins lucrativos, pois compartilham das ervas, uns aos outros quando a planta está ausente no seu quintal. Concluímos que todas as pessoas entrevistadas desta comunidade fazem usos de plantas medicinais e de variados gêneros, sem fins lucrativos.

As ervas mencionadas nos resultados foram consultadas através do seu nome popular, nos seguintes documentos: CATI, Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, Plantas medicinais e fitoterápicos no SUS, Tabela 1.

TABELA -1 As ervas medicinais estão descritas na tabela a seguir. Nomes científicos, popular, bem como forma de uso e indicação.

ESPÉCIE	NOME POPULAR	PARTE USADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO
Nome científico				
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo-sete-dores	Folha	Chá	Melhorar a função do fígado.
<i>(Chenopodium ambrosioides L.)</i>	Mastruz	Folha	Fusão	Infeções
<i>Solanum paniculatum</i>	Jurubeba	Folha/fruto	Chá	Anti-inflamatório, digestivo, diurético.
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Folha	Chá/ Banho, infusões	Gripe/ sistema respiratório
<i>Eugenia uniflora L.</i>	Pitanga-Vermelha	Folha	Chá	Pressão arterial
<i>Mentha x villosa L.</i>				
<i>Mentha x villosa L</i>	Hortelã-rasteira	Folha	Chá	Gripe
<i>Lippia alba (Mill.) N. E. Br.</i>	Capim-cidreira	Folha	Chá	Calmante
<i>Cymbopogon citratus (DC.)</i>	Capim Santo	Folha	Chá	Calmante
<i>Lippia sidoides</i>	Alecrim	Galho com folha	Chá/ Banho	Analgésico/ infecções na pele
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Folha	Chá/Banho	Febre/diarreia

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que há uma grande variedade de plantas medicinais na comunidade da Serra de Itiúba. O uso é frequente desde os primeiros contatos de pessoas mais velhas com o seu ambiente no qual está inserido. São práticas que perpassam de geração em geração. O uso das plantas medicinais não tem finalidade lucrativa. Visando evitar consumo de produtos industrializados, suprir uma necessidade e não necessariamente depender em grande parte de produtos farmacêuticos. Contudo, precisamos de condições adequadas para sobreviver no nosso *habitat* natural. O uso em grande escala de ervas medicinais se destacou: Chá, banho e lambedor, para fins de combate a infecções, controle na diabetes, gripes e calmante, combate a insônia e por fim, digestivos.

Para tanto, o trabalho contribui para criação de possibilidades e divulgação dos recursos naturais. Realizarmos as seguintes pautas: a) Apresentação e socialização do trabalho para escola e a comunidade; b) roda de conversa a respeito dos conceitos, cuidados com o meio ambiente, cultura identitária e reflorestamento; c), plantar mudas de árvores no propósito de contribuir com a flora e reforçar a cultura identitária.

É certo que, a tríade escola-sociedade-natureza está entrelaçada e é indispensável para a sobrevivência humana, porquanto, precisa ser fortalecida, dialogada e colocada em todas as pautas desde a econômica e cultural, uma vez que como seres críticos e autônomos, faz-se necessário desempenharmos papéis que incumbem cuidados coletivos e específicos para manter a ordem e uma boa convivência social e cultural.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 273-285, 2002.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis- RJ. Ed. Vozes, 2017.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Participação**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 85p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **A fitoterapia no SUS e o Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais da Central de Medicamentos**. Brasília, 2006. 147 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <https://pt.slideshare.net/karinaleite906/fitoterapia-no-sus-52455670>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CAFFÉ, S. C.; SOUZA, J. O. S.; OLIVEIRA, S. H.; CARVALHO, V. S. Sustainable Rural Development: The contradictions and possibilities of Agroecology and Solidarity Economy Contributions. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**, v. 8, i. 7, p. 44-55, Jul, 2021.

CARVALHO, L. D. A busca por um novo Naturalismo e os movimentos de reapropriação social de natureza no Semiárido Brasileiro. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, Ano XXV, n. 2, Edição Especial, p. 40-54, Ago. 2004.

CATI. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Órgão da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/portal/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CAVALCANTI, C. Pensamento socioambiental e a economia ecológica: nova perspectiva para pensar a sociedade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, p. 169-178. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43545/27093>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CMMAD. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1991. 430 p.

FALEIROS. V. P. O que é política social. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 29ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GEHLEN, I. Políticas públicas e desenvolvimento social rural. **São Paulo em Perspectiva**, v. 18, n. 2, p. 95-103, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/fC3c7q6pWCFJdWTtdjgZTRs/?format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ISPN. Instituto Sociedade, População e Natureza. **Flora e Fauna da Caatinga**. Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/caatinga/fauna-e-flora-da-caatinga/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LEITE, I. A.; MORAIS, A. M.; SILVA DO Ó, K. D.; CARNEIRO, R. G.; LEITE, C. A. A etnobotânica de Plantas Medicinais no Município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n.1, p. 22-30, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/2249>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LENZI, C. L. **Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. São Paulo: EDUSC ANPOCS, 2006.

LIMA, P. G. C.; SILVA, R. O.; COELHO-FERREIRA, M. R.; PEREIRA, J. L. G. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento na Gleba Nova Olinda I, Pará: interações sociais e

compartilhamento de germoplasma da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz, Euphorbiaceae). **Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, n. 2, p. 419-433, 2013.

MARTINS, J. S. **Educação Contextualizada: da teoria à prática**. In: REIS, Edmerson dos Santos; CARVALHO, Luzineide Dourado. *Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas*. Juazeiro: UNEB, 2011. p.45-63.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406 p.

MINC, C. **Ecologia e cidadania**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.

MIRANDA, C. A. S.; PIRES, T. C. Relações étnico-raciais: uma abordagem escolar. **Interfaces Científicas. Humanas e Sociais**. Contextos da Cultura, v.4, edição especial. p. 143 – 153. 2015. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2531/1558>. Acesso em: 10 jun. 2023.

NASCIMENTO, E. P. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 74, p. 51-64. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yJnRYLWXSwyxqggqDWy8gct/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

OLIVEIRA, L. O lixo urbano: um problema de percepção ambiental. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v.12, n. 19, p. 26-34. 2002.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4ª ed. São Paulo: Cortez. 2005.

ROSA, M. D. O Consumo Sustentável como condição do direito ao desenvolvimento humano. **Revista direito em debate**, v. 19, n. 33/34, p. 121-135. 2010.

SACHS, I. *Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir*. São Paulo: Editora Vértice, 1986.

SANTOS, M. **Por outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2006.

SGANZERLA, C. M.; PREDEBOM, A. J.; VELOSO, J.; CORRALO V. S.; ROMAN JUNIOR, W. A. Revisão integrativa aplicada a levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais no Brasil. **Acta Ambiental Catarinense**, v. 19, n. 1, p. 1-16. 2022.

VERGARA, S. C. *Métodos de coleta de dados no campo*. São Paulo: Atlas. 2009.

SOBRE A AUTORA E O AUTORES

José Raimundo Pereira da Silva

Graduado em Pedagogia pela UNEB, Especialista em Letras; Mestre em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Braz José do Nascimento Júnior

Graduado em Odontologia pela FOP-UPE; Especialista em Saúde da Família pela FCM-UPE, Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela UFPE; Doutor em Ciências Farmacêuticas pela UFPE; Docente Permanente do Colegiado de Farmácia (CFARM) e do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Coordenador do Grupo de Estudo em Plantas Medicinais e Atividades Lúdicas na Educação em Saúde (GEPALES VALE).

Maria Jaciane de Almeida Campelo

Graduada em Ciências Biológicas pela UFRPE; Mestrado e Doutorado em Biologia Vegetal pela UFPE; Docente do Colegiado de Engenharia Agrônômica (CEAGRO) e do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

René Geraldo Cordeiro Silva Júnior

Graduado em Medicina Veterinária pela UFRPE; Doutor em Zootecnia pela UFRPE; Professor Titular do Colegiado de Medicina Veterinária (CMVET) e do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).